

Comemoração do Dia do Doente em Almodôvar



No dia 15 de fevereiro, organizado pelo Movimento da Mensagem de Fátima, foi comemorado o Dia Mundial do Doente. Iniciou-se o dia com uma palestra, que teve como orador o P. José Maria Coelho, Capelão do Hospital de Beja, tendo como tema “A Espiritualidade na Doença”. Seguiu-se a celebração da eucaristia presidida pelo P. José Maria e concelebrada pelos párocos de Almodôvar e pelo P. Hugo Gonçalves, na Igreja do

Convento de São Francisco, que se tornou pequena para acolher além dos doentes, todos os fiéis que compareceram. Foi administrado o sacramento da unção dos doentes. O grupo de jovens universitários da “Missão País 2020” animaram a Eucaristia, enquanto o grupo dos escuteiros acompanhou a celebração. Seguiu-se um almoço partilhado nos claustros da Igreja, onde se viu a bonita relação entre estes jovens da Faculdade de Arqui-

tetura da Universidade de Lisboa com todos os doentes e idosos, dado que estes jovens, acompanhados pelo P. Hugo, da paróquia de Campo Grande, em Lisboa, estiveram em missão em Almodôvar durante uma semana, tendo colaborado com o Lar da Santa Casa da Misericórdia e CERCICOA, e visitando vários doentes.

Movimento da Mensagem de Fátima de Almodôvar



1770-2020

Diocese de Beja comemora 250 anos da sua Restauração

No dia 15 de fevereiro, pelas 21.00 horas, na Igreja de Santa Maria da Feira, em Beja, teve início um Concerto, pelo Coro da Igreja do Carmo, integrado na Comemoração dos 250 anos da Restauração da Diocese de Beja.

Com o templo cheio, entre os participantes encontrava-se D. João Marcos, Bispo de Beja e membros do clero, tendo alguns feito um esforço considerável para estar presentes, quer pelos quilómetros percorridos na ida a Beja e regresso, quer por estarmos em noite de sábado, eventualmente mais absorvidos com as celebrações do Domingo. Certamente, muitos outros quiseram, mas não puderam estar presentes neste encontro significativo das comemorações.

Das peças interpretadas, são de destacar três que integram a Missa a três vozes, composição de D. António Xavier de Sousa



Monteiro, Bispo de Beja em finais do séc. XIX e princípios do séc. XX (1883 a 1906).

Outras peças foram interpretadas: Psalite, Diadema (Música tradicional do país de Gales, Herr deine gute, Hino aos Pastorinhos, Com Maria, Nossa Senhora de Fátima, Bendita e louvada seja (Selmes) e Hino Diocesano.

No final, depois de uma breve palavra de D. João Marcos, a agradecer o momento proporcionado pelo Coro da Igreja do Carmo, sob a Direção do Padre António Cartageno, todos aplaudiram, demoradamente e de pé, ficando a sensação de que soube a pouco, dada a qualidade a que o Coro já nos habituou e que, nesta noite, não foi exceção.

António Novais

A brecha aberta pela Eutanásia

Já tinha lido a respeito do percurso de Theo Boer, o professor de bioética que, depois de ter colaborado nas comissões de controlo de execução da lei holandesa que permite a eutanásia, é hoje um dos principais críticos dessa lei. Ouvi-lo há tempos na Universidade Católica ajudou-me a compreender melhor as razões da sua atitude e as consequências que acarreta qualquer legalização da eutanásia. São consequências que decorrem de uma mudança cultural profunda que introduz uma brecha num edifício e o vai corroendo progressivamente. Isso pode não ser evidente de imediato, mas sê-lo-á mais tarde, como já o é na Holanda, poucas mais de uma década depois.

Theo Boer, sabendo bem que não é essa a posição do magistério da Igreja Católica e da grande maioria do seu auditório, começou por declarar aceitar a eutanásia como último recurso e dizer que acreditou inicialmente na possibilidade de a lei holandesa ser aplicada nessa linha (não podemos, por isso, dizer que a sua tese é distorcida por algum *a priori* doutrinal). Tal não se verifica, porém. Embora inicialmente parecesse que os números da prática da eutanásia estivessem contidos, eles começaram a disparar e são hoje cerca do triplo do que eram há dez anos, sendo o número real (obtido através de inquéritos anónimos) bastante superior aos oficialmente registados. As causas da eutanásia também se vêm estendendo progressivamente, das situações de doença terminal às de doença incurável e deficiência, das de dor física às de sofrimento psíquico e doença psiquiátrica. O passo seguinte é o da proposta em discussão (defendida pelo anterior governo e que o atual suspendeu à espera de novos estudos) que estende a eutanásia a situações de “vida completa” (onde podem caber a solidão e falta de sentido da vida, o sofrimento existencial), fora do âmbito de qualquer

doença, pois. Discute-se a idade (setenta ou setenta e cinco anos) a partir da qual será legal a eutanásia com esse fundamento e se será aceitável, à luz do princípio da igualdade, essa discriminação em função da idade. A “rampa deslizante” torna-se, assim, não um receio ou um fantasma, mas uma evidência.

O estudo das causas deste fenómeno de “rampa deslizante” pode ser encarado em diferentes perspetivas. Theo Boer salientou uma delas, que também me parece de salientar. A legalização da eutanásia abre uma brecha num edifício cultural. A morte provocada deixa de ser um tabu (uma saudável tabu, como há outros saudáveis tabus), algo que não se discute sequer, e passar a ser normalizada. O clima cultural e social altera-se. Esse clima passa a encarar (como nunca tinha sucedido até aí) a morte provocada como solução para qualquer situação de maior sofrimento. A oferta que representa a legalização incentiva a procura. E esta cresce, como revelam os números. Porque essa legalização não consagra apenas uma situação já existente (uma procura prévia) no plano cultural, mas abre a porta a novas situações, abre uma brecha que conduz à normalização da morte provocada, antes de mais no plano cultural. Por vezes, argumenta-se em favor da lei holandesa que esta é eficaz no controlo de abusos porque grande parte dos pedidos de eutanásia são rejeitados. Mas isso só revela como a oferta que ela representa incrementa a procura. E como esses pedidos refletem o clima cultural que normaliza a morte provocada.

Outro reflexo dessa alteração de clima cultural pode ser detetado – salientou também Theo Boer – no incremento da prática do suicídio em geral. Com frequência, alega-se em favor da legalização da eutanásia, que esta evitaria muitos suicídios praticados de forma isolada, violenta e traumática.

A experiência holandesa revela que não é assim (como o revela também a experiência dos Estados norte-americanos que legalizaram o suicídio assistido, onde o número da prática de suicídios em geral é superior à de outros onde o suicídio assistido não é legal). Desde a legalização da eutanásia na Holanda, o número de suicídios cresceu 37%, quando na Alemanha (país próximo e equiparável socialmente) desceu 10%. Vários fatores poderão explicar esta situação. O principal decorre, precisamente, da alteração do clima cultural que é consequência da legalização da eutanásia: a morte provocada deixa de ser um (saudável) tabu e passa a ser normalizada como resposta ao sofrimento, em qualquer idade, em qualquer tipo de doença, com doença ou sem ela. E é muito difícil, para o Estado e para os serviços de saúde, prevenir e combater um fenómeno (o suicídio em geral) que é, em determinadas condições, facilitado (como suicídio legal e medicamente assistido).

Disse Theo Boer que na Holanda, no início dos anos noventa do século passado, quando a eutanásia começou a ser praticada legalmente em casos pontuais, ninguém pensava que daí resultaria a situação que hoje está à vista de todos: um sistema organizado de morte provocada (nalgumas regiões, esta atinge cerca de 14% do número total de mortes). A brecha que se abriu vem contribuindo para corroer o edifício cultural que assentava no alicerce da proibição de matar. E continuará a fazê-lo de forma incessante.

É em tudo isto, nas consequências mais profundas, de mais longo prazo e de maior alcance, que deve pensar quem tem a responsabilidade de legislar sobre a eutanásia. Uma lei com um alcance cultural como poucas têm.

Pedro Vaz Patto
Presidente da Comissão
Nacional Justiça e Paz

Editorial



António Novais Pereira, Diretor

Marega

A Organização das Nações Unidas (ONU) adotou em 1965 a Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial e determinou em 21 de março o *Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial*. Paradoxalmente, a “doença da superioridade” gera o medo, a rejeição e agressão face às diferentes raças ou etnias humanas, com base na valorização da própria cultura como superior a outras culturas. Levada ao extremo, esta forma de pensar é geradora de fortes discriminações, xenofobias, violências e extermínios. Por isso, o racismo é considerado um crime passível de fortes punições. Nos tempos atuais, quarenta e seis anos após a revolução dos cravos, muitos esperávamos que esta sociedade já não se gerisse pela força, dado a Europa ter reconhecido em Portugal o respeito pelas minorias, sendo um país que acolhe bem os migrantes. O contar de anedotas discriminatórias já parecia esporádico e, na família, deixou de se ouvir que “quanto mais me bates mais gosto de ti”. Contudo, as recentes investidas em Guimarães, durante uma normal festa de futebol, com o Vitória de Guimarães e o Futebol Clube do Porto no Palco, parecem lançar uma mancha negra na nossa

civilização ou, pelo menos, devem fazer-nos pensar sobre os limites que não podemos suportar e aquilo que as nossas forças permitirão suportar.

Marega tomou a decisão de não continuar a jogar, apesar das tentativas à sua volta de o levar a recuar na decisão. Na minha opinião, ninguém deve ficar admirado perante tal coragem porque, certamente não se tratava de falta de forças para continuar mas antes de não poder tolerar o que é intolerável, face a insultos racistas dos quais todos nos sentimos envergonhados. A sua nobre coragem é louvável porque, deste modo, a sua atitude frutificará além-fronteiras e contribuirá para que, nos nossos estádios, as manifestações desportivas reforcem os laços de comunhão entre todos os povos porque neles a festa deve acontecer. O racismo, sendo condenável em qualquer parte, merece sempre o maior repúdio e, pela minha parte, faço votos para que, também no futebol, se manifeste o desejo da transformação social, o confronto leal, limpo e enriquecedor. A manifestação do extraordinário, aliada à superação dos limites, não é incompatível com a procura consciente e responsável de tudo quanto nos possa unir e reforce a confiança num futuro da humanidade mais próspero.

Estamos conscientes de que, tendo sido ultrapassado o tempo dos guerreiros, não podemos aceitar, de ânimo leve, as atitudes que geram o medo e impedem o nosso semelhante de a todos presentear com os seus dons ou a “arte de bem jogar”.

O nosso Domingo

Ser um pedaço vivo do coração de Deus, nosso Pai

Fr. Pedro Bravo, oc

1– Quantas vezes ouvimos dizer no final dum retiro que foi ali que esta pessoa se encontrou com Deus. Antes, Deus parecia-lhe distante, lá em cima, no céu, vendo tudo o que fazia, como juiz das suas ações, aguardando o momento em quem lhe terá de prestar contas, no fim da vida, depois de morrer, devendo então pagar o mal que fez. Que deplorável caricatura de Deus!

Ao invés, reunidos ali com os irmãos e as irmãs, encontraram-se com Jesus Cristo, através da fé; vivo e ressuscitado. Descobriram que doravante Ele vem sempre ao nosso encontro e caminha connosco. E assim saborearam e viram como Deus, nosso Pai, é bom, Amor que está sempre próximo de nós e é o único capaz de encher a nossa vida de amor, alegria e paz, sabor e sentido. Quão diferente é ter ouvido falar de Deus e acreditar nele, experimentar o Seu amor, maior do que o nosso pecado, maior do que o pecado do mundo. Que diferença há entre o Deus que buscamos com as nossas forças e o Deus que encontramos, porque nos amou primeiro, nos deu o Seu Filho e teve a iniciativa de vir ao nosso encontro.

Quem faz esta experiência torna-se nova criatura, renasce do alto, descobre «as riquezas inesgotáveis do Batismo com que foi purificado, do Espírito em que foi renovado e do Sangue com que foi redimido». Em suma: torna-se filho/a de Deus e recebe a vida eterna. «Ora a vida eterna é esta», diz Jesus: «que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo» (Jo 17,3).

2– É precisamente da vida eterna em nós, dom renovado em cada comunhão, graças à nossa união com Deus e com os irmãos (cf. oração depois da comunhão), como fonte de eterna salvação (cf. oração sobre as oblatas); e da sua tradução por palavras e

obras, agradáveis a Deus (cf. oração coletiva) que falam as leituras de hoje.

Que agrada mais a Deus? A Bíblia, logo desde o início, é clara: «Noé era um homem justo e perfeito; ele andava com Deus» (Gn 6,9). E, mais adiante, diz Deus a Abraão: «Anda na minha presença e sê perfeito» (Gn 17,1). O que mais agrada a Deus é, pois e antes de mais, que andemos na Sua presença, caminhemos com Ele, O tenhamos sempre presente no nosso coração e pensamento, no nosso olhar e escuta, nas nossas palavras e obras. Numa palavra: que vivamos com Ele e nele. Depois, Jesus acrescenta: que sejamos perfeitos. Todo o ser tende para a perfeição. Também nós, seres humanos, buscamos a perfeição. Cada um de uma maneira ou de outra, neste ponto ou naquele, quer ser perfeito. Porquê? Porque traz em si a marca de Deus.

A verdade, porém, a realidade, é que somos imperfeitos: somos incompletos, estamos inacabados, «caminhamos pela fé, não na visão» (2Cor 5,7), temos defeitos. Por isso, aspiramos à perfeição. A perfeição que não temos, mas se acha em Deus. Graças a Deus, porque se assim não fosse, nunca a teríamos, seríamos eternamente imperfeitos! Mas porque é nele que se acha a nossa perfeição, jamais algo nos faltará.

3– Jesus repete-o hoje, no Evangelho. Diz Ele, literalmente: «Portanto, sede vós perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48). A perfeição acha-se em Deus. E consiste no amor. Se ela nos falta, tanto melhor: podemos encontrá-la em Deus, que é amor. O único em Quem ela se acha e está presente, sem qualquer deficiência é Deus. Como dom.

Antes de mais, como dom de vida nova. Que nos é concedida em Jesus Cristo, que de nós faz filhos de Deus, por meio da fé, «porque, sem fé, é impossível agradar a Deus» (Hb 11,6): «a todos os que

O receberam, deu-lhe o poder de se tornarem filhos de Deus. Aos que creem no seu Nome e que não foram gerados, nem do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus» (Jo 1,12s).

A perfeição consiste em sermos filhos e filhas de Deus. Pois só em Deus, nosso Pai, alcançamos a perfeição. Perfeição que consiste não em sermos robôs autossuficientes (que não ainda existem), mas porque Ele no-la dá, dando-Se a Si mesmo, por amor, Sem reservas. Para sermos como Ele é.

Por isso, nos invetiva: «Sede vós perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48). De facto, ninguém é perfeito sozinho. Só seremos perfeitos se estivermos em comunhão com o Pai e com os irmãos e irmãs, de cujo amor o Pai se fez mendigo. Os irmãos e irmãs, com os seus erros e defeitos. Não porque algo Lhe falte, mas porque nós Lhe fazemos falta. Não porque pertencemos a determinado grupo, porque fizemos tal caminhada, mas porque Ele nos ama. Ele, que é Amor.

É da radical pobreza do homem e surpreendente amor de Deus Pai que brota o Evangelho de hoje. Ele diz, resumindo: 1) o outro, mesmo se não for batizado e não praticar, nem andar contigo, e se fizer teu inimigo, é teu irmão; 2) aceita o teu irmão como ele é; 3) ama-o na sua fraqueza, como o Pai te ama a ti; 4) não voltes as costas ao teu irmão, quando ele se achar em necessidade, mas 5), se ele te pedir um favor, faz-lhe *dois*; 6) mesmo que não seja simpático e se ponha contra ti, continua a orar por ele, a amá-lo e a fazer-lhe o bem. Porque só é filho de Deus quem amar como o Pai. Achas difícil, sentes-te pecador? Deus pode suprir a tua imperfeição. Não hesites em ser um pedaço do coração de Deus, em ser irmão de Jesus Cristo. Aceita ser um com o teu irmão e dá-lhe testemunho do amor infinito e misericordioso de Deus Pai junto de todos. *Que te falta fazer?*



VII Domingo do Tempo Comum Ano A 23 de fevereiro de 2020

I Leitura

Lev 19, 1-2.17-18

«Não mandou a ninguém fazer o mal»

Leitura do Livro do Levítico

O Senhor dirigiu-Se a Moisés nestes termos:

«Fala a toda a comunidade dos filhos de Israel e diz-lhes:

‘Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo’. Não odiarás do íntimo do coração os teus irmãos, mas corrigirás o teu próximo, para não incorreres em falta por causa dele. Não te vingarás, nem guardarás rancor contra os filhos do teu povo.

Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor».

Salmo Responsarial

Salmo 102 (103)

O Senhor é clemente e cheio de compaixão

II Leitura

1 Cor 3, 16-23

«Tudo é vosso; vós sois de Cristo; Cristo é de Deus»

Leitura da primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

Irmãos: Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é santo, e vós sois esse templo. Ninguém tenha ilusões. Se alguém entre vós se julga sábio aos olhos do mundo, faça-se louco, para se tornar sábio.

Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus, como está escrito: «Apanharei os sábios na sua própria astúcia».

E ainda: «O Senhor sabe como são vãos os pensamentos dos sábios». Por isso, ninguém deve gloriar-se nos homens. Tudo é vosso: Paulo, Apolo e Pedro, o mundo, a vida e a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus.

Aleluia

1 Jo 2, 5

Quem observa a palavra de Cristo, nesse o amor de Deus é perfeito.

Evangelho

Mt 5, 38-48

«Amai os vossos inimigos»

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

«Ouvistes que foi dito aos antigos:

‘Olho por olho e dente por dente’.

Eu, porém, digo-vos:

Não resistais ao homem mau.

Mas se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda. Se alguém quiser levar-te ao tribunal, para ficar com a tua túnica, deixa-lhe também o manto.

Se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, acompanha-o durante duas. Dá a quem te pedir e não voltes as costas a quem te pede emprestado.

Ouvistes que foi dito:

‘Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo’.

Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para serdes filhos do vosso Pai que está nos Céus; pois Ele faz nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos.

Se amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem a mesma coisa os publicanos? E se saudardes apenas os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário?

Não o fazem também os pagãos? Portanto, sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito».

Sugestões de Cânticos

ENTRADA

Por vossa imensa bondade
- A. Cartageno - CNL, 813

SALMO RESPONSORIAL

Senhor, sois um Deus clemente
- M. Luis, SR, 118

COMUNHÃO

Senhor, eu creio que sois Cristo - F. Silva,
CNL, 910

Síglas - CNL: Cantoral Nacional para a Liturgia; SR
- Salmos Responsoriais, M. Luis

Eutanásia: Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida «chumba» propostas para a despenalização



O Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV) anunciou, no dia 18, que emitiu pareceres desfavoráveis às iniciativas legislativas do BE, PAN, PS e PEV que visam a despenalização da eutanásia em Portugal. Em comunicado, o organismo consultivo da Assembleia da República considera que as mesmas “não constituem uma resposta eticamente aceitável para a salvaguarda dos direitos de todos e das decisões de cada um em final da vida”.

Em causa, assinala a nota de imprensa, estão “diferentes princípios, direitos e interesses em presença, que devem ser protegidos e reafirmados”.

“Os quatro pareceres do Conselho, com semelhanças e diferenças entre si, refletem o compromisso obtido das posições dos seus membros, que assim aprovaram os pareceres por uma maioria de dezassete votos”, informa o organismo.

Entre as falhas apontadas estão a falta de “estudos prévios que possam auxiliar a clarificação e sustentação de uma moldura jurídica nesta matéria” ou a “insuficiente consideração de respostas mediadas, relacionais e integradoras, que respeitem e abriguem as múltiplas dimensões do sofrimento humano”.

Foram ainda evocadas questões como “o desconhecimento de quantos profissionais estarão disponíveis para concretizar um conjunto vasto de responsa-

bilidades implicadas nas iniciativas legislativas” ou a “imprecisão da relação de todos os intervenientes (médicos, enfermeiros, farmacêuticos) com o Sistema de Saúde”.

Os textos falam de “risco de empobrecimento da oferta de apoio clínico, psicológico e social em contexto de fim de vida”, face a novas exigências em recursos físicos e humanos para a prática da eutanásia.

O CNECV realça que são “chamados sempre à colação profissionais de saúde, ora para provocar intencionalmente a morte a pedido do interessado (eutanásia), ora para supervisionar aquele que se suicida na prática do ato letal (suicídio medicamente assistido)”.

“Nas profissões da saúde, que são autorreguladas, não cabe adicionar deveres que colidem com a sua deontologia, criando unilateralmente novas responsabilidades aos profissionais para com as pessoas, a sociedade e o País”, pode ler-se.

O CNECV considera que a figura do objetor de consciência “não parece poder ser invocada para tarefas” que não sejam consideradas “atos da profissão”.

A este respeito, questionam-se exigências colocadas aos objetores, considerando que as mesmas contrariam “o fundamento da objeção de consciência, assente no quadro de valores da consciência individual, do juízo que um profissional de saúde pode e deve

fazer, no exercício da sua liberdade de consciência, de deliberar em cada caso, conforme a situação e o contexto”.

“É bem possível, a ser o Projeto de Lei aprovado, que se apresentem dificuldades dificilmente ultrapassáveis para encontrar médicos que assumam o papel de provedores do pedido do doente e, por causa disso, facto que será particularmente gravoso, que se organizem ‘circuitos comerciais’, aos quais os doentes poderão recorrer com a garantia prévia de que o processo terá sempre quem dele se encarregue nas suas diferentes etapas”, refere-se nos quatro pareceres.

O texto integral dos pareceres encontra-se disponível em www.cnecv.pt/index.php.

O Parlamento agendou para quinta-feira a discussão e votação de projetos do PS, BE, PAN, PEV e IL – que não foi analisado pelo CNECV por ter sido apresentado mais tarde – no sentido da despenalização da eutanásia. Uma iniciativa popular de referendo sobre a eutanásia, promovida pela Federação Pela Vida (FPV) já recolheu mais de 38 mil assinaturas, cerca de 60% do número legalmente exigido, para que possa dar entrada na Assembleia da República até ao fim do processo legislativo.

A petição foi colocada online no dia 7 de fevereiro.

OC

Fonte: Ecclesia

UMA MENINA COM LUME NO PEITO

Faz hoje um século que Jacinta, a menina que “tinha lume no peito” partiu para a fogueira e glória do Céu. Tão humana e tão divina, tão da terra e tão do Céu, criança entre as crianças. Mas dois anos depois, ainda não tinha dez anos, pela mediação do Céu que baixou à sua vida, tornou-se o modelo de todas as crianças e adultos, abertos à graça de Deus. Jacinta, idade infantil, mas de fé provada e adulta. Eu, tu, nós, de idade adultíssima e de fé débil e infantil. Por isso, na expressão feliz de S. João Paulo II, Ela e Francisco, seu irmão, são “*duas candeias que Deus acendeu*” na noite da vida, para nos envergonharmos de não ser santos. A aprovação oficial da mariologia de Fátima consta das seis aparições de maio a outubro de 1917, na Cova da Iria e da aparição de Nossa Senhora a Jacinta, no Hospital da Estefânia, onde Lhe falou no pedido de reparação dos pecados cometidos contra o Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria. Jacinta fez-se arauta e mensageira da compaixão de Deus que ama os pecadores. Foram dois os acontecimentos que fizeram de Jacinta a grande apóstola e intercessora dos pecadores, a visão do inferno na aparição de julho e a Luz celeste e de qualidade superior que se desprendia das mãos de Nossa Senhora e que os projetou em Deus. Escreve Lúcia, que eles se viam em Deus como no melhor dos espelhos. Por esta Luz, os Pastorinhos entraram no mundo de Deus, como o seu mundo mais belo, mais pleno e cativante, a sua verdadeira identidade. Deus imagem nossa e nós imagem de Deus. Perfeito! Esta Luz é profética e interpreta a história, porque Jacinta e Francisco estavam na feixe da Luz que apontava o Céu e Lúcia, na luz que a projetava na terra, evocando a sua missão de propagar no mundo o Reino do Imaculado Coração e a necessária consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

O seu coraçãozinho em chamas, apaixonado é o reflexo amoroso, é o contraponto do Coração de Maria, ferido pelos pecados dos homens ingratos: - «*Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lho digo muitas vezes parece que tenho lume no peito. Mas não me queimo! Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canso de dizer que os amo*» (Primeira Memória). Quando Francisco, na cadeia de Vila Nova de Ourém, ameaçado de morte, iniciou a oração de oferta - «*Ó meu Jesus é por vosso amor e pela conversão dos pecadores*», Jacinta acrescentou: - «*e também pelo santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria*» Lume no peito! Aqui, na cadeia, ameaçada de morte, queria morrer, mas não queria morrer longe da mãe. Tão santa e tão humana e tão igual nós, disposta a selar com o martírio, a veracidade das aparições. Lume no peito e na vida. Uma Senhora de nome Eunice converteu-se ao Senhor ao conhecer este acontecimento. Durante o curso universitário, leu tudo o que se escrevia sobre o existencialismo ateu. Convenceu o noivo a casar civilmente, ele que era dirigente nacional da JUC (Juventude Universitária Católica). Um dia, alguém deixou na sala dos professores da Escola D. Manuel I, de Beja, um livrinho “*Mensagem de Fátima*”. Abrindo-o ao acaso, leu com espanto a decisão dos Pastorinhos estarem dispostos a morrer por amor à veracidade das aparições. Tinha três filhos, a Cristina, o João e o Vasco, com idades próximas dos Pastorinhos. Confrontou com espanto, convertendo-se ao Senhor. Casou na Igreja do Salvador a 30 de junho de 1961 e foi a primeira paroquiana a saber que era o novo pároco do Carmo. Quando os pais dos Pastorinhos venderam o rebanho e começaram a ir à escola, nos recreios, Jacinta gostava de visitar Jesus no sacrário: «*Eu gosto de estar muito tempo sozinha na Igreja a falar com Jesus escondido; mas nunca me deixam*». Na doença, diz à Lúcia: - «*Nossa Senhora veio-me ver; e diz que vem buscar o Francisco, muito em breve, para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores, disse-lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados cometidos contra o Coração Imaculado de Maria e por amor a Jesus*». Lume no peito!

António Aparício

1770-2020

Diocese de Beja comemora 250 anos da sua Restauração



MISSA A 3 VOZES E ÓRGÃO

De D. António Xavier de Sousa Monteiro, Bispo de Beja de 1883 a 1906.

Esta é a primeira peça do concerto com um conjunto diverso de mais oito melodias.

Sobre a Missa composta por D. António Xavier Monteiro o Pe. António Cartageno diz:

Trata-se de um manuscrito de 28 páginas guardado na Biblioteca Pública de Évora, com o seguinte conteúdo:

Nas primeiras 16 páginas:

- as partes cavas do Soprano do Ordinário da Missa - Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus e Agnus Dei (p.1-5);

- as partes cavas do Tenor, (p.6-11)

- e as partes cavas do Baixo (p. 12-16).

Nas páginas 17 a 28: o correspondente acompanhamento de órgão.

Estamos a falar de um manuscrito dos finais do séc. XIX, em que a música a várias vozes é ainda escrita com cada voz em separado, ou seja: o cantor não tinha a partitura do Coro total, como hoje acontece, mas apenas a melodia da parte que deve cantar. Era assim nesta época.

Outra particularidade é o facto de todas as melodias do soprano aparecerem escritas na clave de dó na 12 linha e as do tenor na clave de dó na 42 linha - claves hoje em desuso no Coro, como se sabe. Que confusão, para nós, hoje! Só a voz do Baixo vem escrita na Clave de Fá na 42 linha, como hoje também acontece.

O meu trabalho de férias do Verão de 2018 foi fazer a transcrição do Kyrie, do Sanctus e do Agnus Dei para a nossa forma moderna de ler a partitura, ou seja: re-escrever o Soprano em clave de sol, colocar-lhe por baixo, em paralelo, o Altus, (que substitui o Tenor) também em clave de Sol e finalmente acrescentar, por baixo destas duas vozes, a do Baixo. Um trabalho aturado, que demorou muitas horas, mas que tornou possível preparar a partitura para que nós, hoje, em meados do séc. XXI, possamos dar voz e interpretar a Missa escrita por aquele que foi o Bispo de Beja desde 1883 a 1906.

Digamos algo sobre a música em si, com especial referência ao Kyrie, Sanctus e Agnus Dei, que são as partes da Missa que serão executadas no dia 15 de Fevereiro. Os vários trechos estão organizados como se de uma pequena obra musical clássica se tratasse. Por exemplo, o Kyrie começa com o andamento Largo; o Christe passa ao allegro vivo e os últimos Kyrie voltam ao tempo primo. Por sua vez, o Sanctus começa com um alegre moderato, depois o Hossana é allegro e o Benedictus é Largo, voltando ao allegro no Hossana final. Este procedimento é ainda mais variado nas peças mais extensas (Glória e Credo, que não serão executados). Quanto ao acompanhamento, o autor usa um estilo mais pianístico que organístico: a mão esquerda está sempre em movimento, geralmente em col-

cheias, com acordes feitos alternando o Baixo (nota fundamental) com as outras duas notas do acorde (32 e 52). Esta forma de acompanhar está mais próxima da música profana, nomeadamente da música popular, do que da música sacra como hoje a entendemos. É caso para perguntar se era música para rezar ou simplesmente música para ouvir e fruir... Em todo o caso, trata-se de música bem estruturada e bastante agradável de ouvir. Naquela época era assim a música da Igreja. Por alguma razão o Papa S. Pio X publicou, em 1903, o seu motu proprio “Tra le sollecitudini” sobre a música sacra. Lembremos que por essa altura a música de estilo operístico e teatral tinha invadido o espaço sagrado, ou seja, a música sacra estava contaminada pela música que se fazia nos teatros de ópera, e o Papa quis chamar a atenção para esse facto e fazer algo para inverter a situação.

Não podemos julgar esse passado, não muito longínquo, apenas à luz da nossa sensibilidade de hoje, felizmente, bastante moldada pelo espírito dos documentos do Concílio Vaticano II sobre a música sacra. Escutar esta obra do antigo Bispo de Beja poderá ser uma boa ocasião para reflectir sobre a música que se está a fazer hoje nas nossas Igrejas...

P. António Cartageno

Realizou-se em Beja no Seminário Diocesano de Nossa Senhora de Fátima a edição nº 59 do CPM de Beja

Entre os dias 27 de janeiro de 2020 e 17 de fevereiro de 2020, participaram no 59º CPM – Centro de Preparação para o Matrimónio, sete casais de noivos que pretendem contrair o sacramento do Matrimónio nas Paróquias de Santiago Maior (3), S. João Baptista (1), Castro Verde (1), Santo Estêvão, Benavente (1) e noutra Paróquia, em Braga (1). O CPM é um serviço da Igreja

Católica, aberto a crentes e não crentes. Tem como finalidade principal a promoção de sessões de preparação de noivos para o Matrimónio. Possui uma pedagogia e metodologia próprias. A próxima edição do CPM de Beja, tem início agendado para o próximo dia 4 de Maio, pelas 21h no Seminário de Nossa Senhora de Fátima de Beja.



5 formas de ajudar o “Notícias de Beja”

1. Pague a assinatura do jornal atempadamente.

2. Faça publicidade no “Notícias de Beja”. Tem uma empresa ou responsabilidade na gestão de algum negócio? Anuncie no “Notícias de Beja”. Como temos pouca publicidade, cada anúncio obtém mais visibilidade.

3. Ofereça uma assinatura. É uma prenda que não é cara (35 euros). E dura pelo menos um ano. E quem a recebe vai lembrar-se de si pelo menos uma vez por semana. Grande prenda!

4. Proponha o nosso jornal a um amigo. Se gosta do jornal (podemos presumir que sim, porque recebemos elogios com alguma frequência), proponha-o a um amigo. Depois de o ler ofereça a alguém. Um amigo do jornal encontra outro amigo

5. Ajude a divulgar o jornal passando pelo facebook e partilhando nas redes sociais capas e algumas notícias que lá vamos pondo.

Memória da Primeira Evangelização na celebração dos 250 anos da Restauração da Diocese de Beja

A Caixa Relicário do Monte da Cegonha (Arquelogia e Laboratório) (XI)

António Aparício

«Foi durante a campanha de escavação de 1989, que foi encontrada uma caixa formada por tijolos que envolvia uma outra em mármore, a caixa relicário. Trata-se de uma caixa rectangular de mármore de S. Brissos, desprovida de qualquer decoração. A face interna da tampa e da caixa não tiveram qualquer polimento, sendo bem visíveis as marcas de desgaste. O rebaixamento para o encaixe da tampa e a parte superior desta foram polidas. O exterior foi totalmente alisado, sendo notório, numa das faces um tratamento distinto, tendo-se “lavrado” uma base reentrante, bem polida. Uma peça relativamente pequena: comprimento, 25cm, largura 12 cm e altura 85 cm; o encaixe situado a 10 cm de altura e tem de largura, um cm; a tampa tem de comprimento 19,2 cm, de largura 11 cm e altura 2 cm. Dentro encontraram-se dois

medalhões: O 1º tem de diâmetro 46 cm e de espessura máxima 10 cm no qual é possível ver uma figura com um nimbo, sem outros elementos que possibilitem a sua identificação; o 2º só é possível ver uma figura de que só se vê a parte inferior. Também foram encontradas duas medalhas».¹ «Um inventário apurado das caixas-relicário que se conhecem em Portugal e Espanha, feito nesse trabalho realça o interesse do achado do Monte da Cegonha. De facto, os exemplares apresentados no trabalho citado (artigo recente de Mário Barroca e Manuel Real), têm toda a cronologia mais tardia e emergem de contextos civilizacionais/culturais bem diferentes daquele em que este se integra. Ademais, nenhum deles foi recolhido no decurso de trabalhos arqueológicos. Não há, portanto, paralelo cronológico, pois esta caixa relicário que os mais

antigos exemplares que se conhecem em território hispânico, parecem ser os provenientes do altar-mor de S. João Batista de la Pena, que Francisco Iniguez Almech datou de 850, mas alguns autores apontam para data mais tardia; o do pé do altar de S. João Batista de Compostela e o da catedral de Astorga que, segundo Gomes Moreno poderá ter sido obra encomendada pelo bispo Ginídio de Astorga, o que permitirá dar-lhe uma cronologia do séc. IX».² «Datam deste período o nascimento do culto dos mártires e os movimentos monásticos, que nos séculos seguintes evoluirão para o “culto das relíquias”. No sul da Lusitânia o único exemplar de relíquias colocadas sobre o altar, encontra-se na igreja in *Villae* do Monte da Cegonha em finais do séc. VI, inícios do séc. VII. A caixa relicário não continha ossos mas pequenas medalhas,

não oferecendo a sua identificação quaisquer dúvidas». Sendo assim, também a caixa relicário da basílica do Monte da Cegonha, antecipa a cronologia do culto das relíquias, de quase 200 anos, tendo em conta a datação dos outros achados acima comentados. Comentando esta fase da ampliação da zona construída, com o levantamento de uma basílica, esta mesma autora afirma que «poderá apenas indicar a determinação do proprietário de converter a sua gente, isto é, os colonos da terra e da zona envolvente, uma vez que segundo se pensa até ao século V a cristianização do território do sul da Lusitânia terá sido essencialmente um facto privado, não controlado pela Igreja».⁴ Segundo Maria da Conceição Lopes, com esta descoberta «...parece não existir dúvidas que o culto das relíquias tinha chegado ao meio rural e po-

demos imaginar que a *Villa* do Monte da Cegonha era um centro aglutinador de outras *Villae* da região».⁵ «A bacia tronco-cónica encontrada na igreja, in *Villae* do Monte da Cegonha, utilizada provavelmente para batismos de crianças ou para rituais de aspersão durante esta cerimónia data do séc. VII, altura em que o processo de cristalização do cristianismo implica a necessidade de instruir e batizar a população e os bispados controlam a construção das igrejas, dividindo o território diocesano em várias paróquias».⁶ «A pequena dimensão da piscina batismal e a sua colocação a uma cota superior à do pavimento, podem também reforçar a ideia; podendo documentar a transformação da liturgia do batismo, forçada pelo facto de a maioria dos catecúmenos passarem a ser crianças e de a submersão deixar de ser necessária, passando a ser suficiente a aspersão».

Discussões numa sociedade envelhecida e pobre



Sílvio Couto

Há dias conversava com um padre africano e chegamos à triste conclusão que muitos dos nossos problemas, na Europa e por especial incidência em Portugal, são próprios e típicos de uma sociedade velha e envelhecida, pobre embora pretensamente rica, vazia de valores à mistura com questões de quem se entretém com o secundário em vez de atender ao essencial. A questão da eutanásia como que consubstancia estas diversas ramificações e os tentáculos mais complexos...deixando pouco espaço para percebermos que somos guiados por outros interesses que não sejam ideológicos e quase maquiavélicos.

Enquanto noutras partes do mundo se tomam medidas para controlar a natalidade – nalguns casos através da laqueação não autorizada ou da vasectomia invasiva – aqui entretemo-nos a discutir quando se pode retirar a vida com ou sem consentimento da família. Quando em tantos lugares da Terra se tenta salvar vidas, correndo os maiores riscos daqueles que intervém, por cá fazem-se discussões e projetam-se leis para permitir matar a pedido ou sem autorização. Quando se tenta sobrepor o individual ao mais correto da convivência interpessoal, não estaremos a entrar em colapso cultural, escavando a sepultura de todos? Quando vemos a interferência da legislação no campo da consciência e da ética, não estaremos a estatizar tudo e todos, submetendo-os aos interesses de maiorias nem sempre lícitas?

= Já dizia Nicolau Maquiavel no seu célebre livro: *O príncipe* – ‘não se pode chamar de valor

assassinar os seus cidadãos, trair os seus amigos, faltar à palavra dada, ser desapiedado, não ter religião. Essas atitudes podem levar à conquista de um império, mas não à glória’.

Efetivamente, muitos daqueles que nos governam precisariam de umas lições mínimas para serem capazes de perceberem que, por muito que tentem disfarçar, não conseguem esconder quais os objetivos que os movem e que, muitas das vezes, são demasiado pouco subterrâneos para não serem perceptíveis nas propostas que levam a serem votadas no lugar da aprovação das leis. Neste caso da discussão trazida outra vez para o público da eutanásia percebe-se que será um novo *fait-divers* para esconder os problemas de não entendimento em matérias laborais, após o congresso da central pró-comunista e numa quase antecipação do carnaval, cujos eflúvios já se notam... Não basta parecer, se não se é!

Claramente se vê que isso não é sério nem se pode ser levado com

seriedade, pois não passa pela cabeça de ninguém que se autorize a matar – pasme-se mais uma vez o eufemismo de ‘despenalização da morte medicamente assistida’ – como se um médico possa prestar-se para matar, quando a sua função é, digna e altamente, salvar vidas. Não brinquemos com as palavras para que estas possam ainda tomadas como forma de comunicação entre os humanos...

= Por entre tantas posições – a favor ou contra a eutanásia – é digna de reflexão a recente da Conferência Episcopal Portuguesa. O comunicado do conselho permanente diz: «Queridos profissionais da saúde: qualquer intervenção de diagnóstico, de prevenção, de terapêutica, de investigação, de tratamento e de reabilitação há de ter por objetivo a pessoa doente, onde o substantivo “pessoa” venha sempre antes do adjetivo “doente”. Por isso, a vossa ação tenha em vista constantemente a dignidade e a vida da pessoa, sem qualquer

cedência a atos como a eutanásia, o suicídio assistido ou a supressão da vida, mesmo se o estado da doença for irreversível». A opção mais digna contra a eutanásia está nos cuidados paliativos como compromisso de proximidade, respeito e cuidado da vida humana até ao seu fim natural».

Esta proclamação poderá parecer uma espécie de atitude de ‘bombeiro’ a tentar apagar um fogo já a lavrar em incêndio sem controlo. Talvez devêssemos ter tido uma ação mais preventiva sobre o tema e não de conjuntura meramente reativa como nesta em que estamos. Não soubemos colher as lições – mesmo de mobilização, de esclarecimento e de dinamização – na década em que foi discutido e votado o tema do aborto. Se a vida não se referenda, e bem; então, não se peça nunca o estratagemas do referendo. Se não conseguimos apresentar a vida como valor essencial e transcendente, então de pouco adiantam estes recursos...quase dilatatórios. Até quando andaremos a manquejar entre a verdade e os feitos da mentira?



Atividade operacional semanal

O Comando Territorial de Beja, para além da sua atividade diária, levou a efeito um conjunto de operações, no distrito de Beja, na semana de 10 a 16 de fevereiro, que visaram a prevenção e o combate à criminalidade violenta, fiscalização rodoviária, entre outras, registando-se os seguintes dados operacionais:

- **Detenções:** 11 detidos em flagrante delito, destacando-se: Três por condução sob o efeito do álcool e três por tráfico de estupefaciente.

- **Aprensões:** Quatro doses de haxixe; uma arma de caça; uma arma branca e 30 munições.

- Trânsito:

Fiscalização: 310 infrações detetadas, destacando-se: 54 por excesso de velocidade; 27 relacionadas com tacógrafos; 19 por falta de inspeção periódica; 16 por falta de seguro de responsabilidade civil obrigatório;

- 13 por uso indevido do telemóvel no exercício da condução; sete por condução com taxa de álcool no sangue superior ao

permitido por lei; cinco por falta ou incorreta utilização do cinto de segurança e/ou sistema de retenção para crianças.

Sinistralidade: 35 acidentes registados, resultando: Dois mortos; três feridos graves e nove feridos leves.

Fiscalização Geral: 24 autos de contraordenação no âmbito da legislação policial.

Ações de sensibilização: Uma de âmbito escolar, tendo sido sensibilizados 97 alunos e oito professores.



SUMULA SEMANAL

O Comando Distrital de Beja da PSP (CD Beja), no âmbito das suas competências de prevenção e combate permanente à prática de ilícitos criminais e contraordenacionais, no período de 07 a 13FEV2020, na sua área de jurisdição, registou e destaca os seguintes resultados operacionais:

Operações de Fiscalização:

- **1 Operação de Fiscalização Rodoviária, em Beja, com recurso a Radar**, que contabilizou **571 veículos controlados**, com a deteção de **2 infrações**;

- **14 Operações de Fiscalização Rodoviária**, enquadradas na Atividade Operacional de CD

Beja e no Plano Nacional de Fiscalização, que contabilizam: **307 Veículos fiscalizados**; **216 Condutores submetidos ao teste de alcoolémia**; **30 infrações detetadas**.

Acidentes rodoviários:

- Em Beja, registo de **6 acidentes rodoviários**, só com registo de danos materiais.

Ações preventivas /de sensibilização e outras:

- O Núcleo de Armas e Explosivos do CD Beja, nas suas instalações e também através do seu Balcão de Atendimento Não Permanente, realizado, no período em apreço, no Município de Cuba, procedeu

à recolha de 9 armas de fogo, perdidas a favor do Estado;

- **O CD Beja**, através do seu Policiamento de Proximidade e no âmbito do **Programa Escola Segura**, promoveu a realização de: **Quatro Ações de Sensibilização, no âmbito da Operação da PSP denominada "Internet mais segura"**, direcionada para os alunos do 1º, 2º e 3º ciclos escolares, que contaram com a presença de 80 alunos; uma **Ação de Sensibilização, denominada "No namoro não há guerra"**, dirigida a alunos do 3º ciclo e assistida por 45 alunos; **13 Ações de Sensibilização sobre o 112**, participadas por cerca de 260 alunos do 1º ciclo.

EMAS DE BEJA COM INTERVENÇÃO NA REDE DE ÁGUA DE SANTA VITÓRIA



A EMAS de Beja prevê iniciar no mês de março de 2020 uma intervenção na rede de água de Santa Vitória. Neste sentido serão substituídos 150 metros da conduta de abastecimento e os

respetivos ramais domiciliários, na Rua da Estação bem como a instalação de válvulas de seccionamento que permitirão uma sectorização mais eficiente em caso da necessidade de manu-

tenção da rede. A rede agora substituída apresentava um índice de roturas superior ao desejável, sendo importante proceder à presente intervenção, no sentido de conseguir um melhor desempenho ao nível da operação e manutenção, melhorando a qualidade do serviço prestado aos consumidores. A intervenção, que faz parte da candidatura aprovada ao POSEUR - Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos 2014/2020, sobre o tema de operação: "Controlo e Redução de Perdas nos Sistemas de Distribuição de Água de Beja, representa um investimento aproximado de 28 mil euros e um prazo de execução exatável de 75 dias.

Bom humor

Alentejano salta de páraquedas

O avião militar subiu até à altitude conveniente para o efeito. O capitão paraquedista chamou então o recruta alentejano que ia saltar pela primeira vez de paraquedas. E o capitão explicou-lhe:

- É tudo muito simples. Vejo que já estás equipado com o paraquedas nas costas. Então, quando a porta lateral do avião for aberta, tu aproximaste dela, abres as pernas e os braços, contas até dez, pausadamente, e atiras-te para o espaço. Quando fores no ar, contas até cinco e puxas a argola direita que está no equipamento. Se, por acaso, essa argola não acionar a abertura do paraquedas, tens uma argola de emergência, no lado esquerdo. Puxa-a! Depois, quando chegares ao solo, no círculo assinalado, estará uma bicicleta que montarás para chegares ao quartel.

O alentejano aguardou, então, pelo momento próprio e, à ordem de saltar, voou para o espaço. Contou até dez e depois puxou a argola da direita. Nada! O paraquedas não abriu! Rapidamente, puxou a argola do lado esquerdo... e nada! O paraquedas continuou fechado! Já em queda livre, diz o pobre do alentejano:

- Querem ver que, agora, também não está lá a bicicleta?!

Como é que começa a guerra?

- Papá: como é que começa a guerra?

- Olha: supõe que a Espanha, por exemplo, apreendia um barco dos nossos...

- Ó homem! Não ensines uma coisa dessas à criança. A Espanha nunca nos fazia isso. De mais a mais, estamos em ótimas relações.

- Mas isto é só uma suposição...

- Mas é uma suposição parva. Não tem jeito nenhum.

- Ó mulher, cala-te. Isto é só como exemplo...

- Cala-te tu, que tu é que estás dizendo as asneiras.

- Fazes-me perder a paciência, diabo!

- O quê? Estás a ameaçar? Julgas que me metes medo?

- Ó mulher... eu...

- Pronto, papá! Pronto! Já sei como é que começa a guerra.

Somefe
évora

O seu parceiro em
infra-estruturas
do sub-solo

Telecomunicações, Electricidade
Gás, Águas, Esgotos, Pluviais

SOMEFE - Sociedade de Metais e Fundição, Lda.
Rua Circular Poente, 17 - PITE - Apartado 31
7006-801 ÉVORA - PORTUGAL
Tel. (+351) 266 750 250 • Fax (+351) 266 750 251
somefe@somefe.pt • www.somefe.pt

NB **Notícias de Beja** **20**
fevereiro 2020

Propriedade da Diocese de Beja
Contribuinte N.º 501 182 446

Diretor: António Novais Pereira
Registo N.º 102 028

Redação e Administração:
Rua Abel Viana, 2 - 7800-440 Beja
Telef. 284 322 268
E-mail: noticiasdebeja@mail.telepac.pt

Depósito Legal N.º 1961/83

Assinatura 35 Euros anuais c/IVA
IBAN PT50 0010 0000 3641 8210 0013 0
Editado em Portugal

Impressão:
Gráfica do Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4-A - 4710-306 Braga
Tiragem 1.500

Polémica e oração

Em dia de namorados e de dois patronos da Europa, Cirilo e Metódio, em semana atarefada, a polémica sobre a vida dos doentes incuráveis à volta da ideia de ajudar a matar os velhinhos se já estão fora de validade, ocorreu-me que seria bom pensar nestes patronos. De uma época que alguns ignorantes chamam “idade das trevas”. Em dia em que se lê a “Minha querida Amazónia” a pedir missionários sacerdotes, leigos, homens e mulheres para, como os dois missionários Cirilo e Metódio, irem proclamar aos que ainda não ouviram: «Está perto de vós o Reino de Deus». E porque não juntar oração às polémicas a oração pela saúde holística da Europa e de Portugal? Oração a quem? Cirilo vai dizer. (Cf. Da Vida de Constantino em língua eslava (Cap. 18: Denkschriften der kaiserl. Akademie der Wissenschaften 19 [Wien 1870], 246 in IBreviary, Net).

Vamos então à inspiração de Cirilo, grande erudito e missionário da Europa, agora muito doente e a viver os últimos minutos da sua vida e a cantar. “Constantino Cirilo, fatigado pelos muitos trabalhos, caiu doente; e quando havia já muitos dias que suportava a doença, teve em certa ocasião uma visão de Deus e começou a cantar assim: «O meu espírito alegrou-se e o meu coração exultou, quando me disseram: Vamos para a casa do nosso Deus»” (...). Depois envergou trajes de cerimónia e permaneceu assim todo aquele dia, cheio de alegria e dizendo: «A partir de agora não sou servo nem do imperador, nem de homem algum na terra, mas unicamente de Deus Omnipotente. Eu não existia, mas agora existo e existirei para sempre. Amen». [Nem servo de políticos, ou de endinheirados da indústria da morte! Só de Deus criador de tudo] (...).” Ao chegar a hora de receber o repouso e de emigrar para as habitações eternas, ergueu as mãos para Deus e rezou, chorando e dizendo: «Senhor meu Deus, que criastes todas as ordens de anjos e os espíritos incorpóreos, estendestes o céu e firmastes a terra e formastes do nada todas as coisas que existem, Vós que sempre atendeis aqueles que fazem a vossa vontade, Vós temem e observam os vossos preceitos, atendi a minha oração e conservai na fidelidade o vosso povo [do centro da Europa] de quem me fizestes servo incompetente e indigno» E como que a pensar no povo da Europa de hoje Cirilo, continuou: «Livrai-o da malícia ímpia e pagã dos que blasfemam contra Vós; fazei crescer a vossa Igreja e reuni a todos na unidade. Ao povo escolhido tornai-o concorde na fé verdadeira e na recta confissão e inspirai aos seus corações a palavra da vossa doutrina: porque é dom vosso que nos tendes escolhido para pregar o Evangelho do vosso ungido, incitando-nos a praticar boas obras e a fazer o que é do vosso agrado. Aqueles que me destes, eu Vo-los devolvo, porque são vossos; governai-os com a vossa mão direita e protegei-os à sombra das vossas asas, para que todos louvem e glorifiquem o vosso nome, Pai e Filho e Espírito Santo. Amen».

E na «hora de receber o repouso e de emigrar para as habitações eternas», Cirilo não pediu a nenhum profissional de saúde nem de morte que o ajudasse a matar-se ou o matasse sozinho. Como em dia de amor, mais que de namorados, a pensar nas vezes que escapou de perseguidores, continuou a sua oração. «Depois de ter beijado a todos com o ósculo santo, disse: *Bendito seja Deus, que não nos entregou aos dentes dos nossos adversários, mas rompeu as suas redes e nos libertou do mal que tramavam contra nós*». E assim adormeceu no Senhor, com a idade de quarenta e dois anos. Que belo viver na alegria e choro, na sua doença grave, a cantar, orar, bendizer a Deus Pai, a pedir um bom futuro para o seu povo! E abraçar a todos com bênçãos divinas de libertação e adormecer no Senhor sem mezinhas homicidas!

Aires Gameiro

Os cuidados paliativos não podem ter listas de espera

Médicos Católicos alertam para os riscos de desinvestimento nos cuidados paliativos, caso a eutanásia seja aprovada no parlamento.



A Associação dos Médicos Católicos Portugueses (AMCP) reitera a sua oposição à legalização da eutanásia em Portugal, matéria cuja discussão está agendada para o próximo dia 20 de fevereiro na Assembleia da República (AR).

A AMCP considera que esta lei coloca os doentes com doenças graves e incuráveis numa situação de enorme pressão para pedirem a eutanásia, já que a maioria da população não tem acesso aos cuidados paliativos. A legalização da eutanásia não poder servir de pretexto para atenuar a consciência social da importância e urgência de alterar esta situação.

Muitos doentes, de modo particular os que se encontram numa maior solidão, serão pressionados a requerer a eutanásia, porque sem um adequado apoio no fim de vida, sentir-se-ão inúteis e mais um fardo para a sociedade. O Estado, ao não garantir um apoio universal nos cuidados paliativos, irá precipitar que estes doentes caiam no

desespero, desistam de viver, e peçam a eutanásia.

O SNS apresenta enormes deficiências e uma parte significativa da população está em listas de espera a aguardar consultas e cirurgias. Todos queremos ter a oportunidade de ter uma morte assistida. Por conseguinte, a AMCP sublinha que os cuidados paliativos não podem ter listas de espera. Atualmente, não existe no SNS uma resposta adequada neste tipo de assistência à população. Devemos defender uma morte assistida em vez de se cair no facilitismo de se promover uma vida abreviada.

A eutanásia e o suicídio assistido não são tratamentos médicos!

Não compete à medicina dar respostas sobre o sentido da vida, mas sim tratar as doenças, cuidar e aliviar o sofrimento humano. A eutanásia e o suicídio assistido não são tratamentos médicos. A AMCP acredita que não cabe, por isso, aos médicos assumirem o papel de autênticos

carrascos, executando um homicídio, ainda que ele ocorra a pedido do doente e tenha cobertura legal.

A experiência de outros países que legalizaram a eutanásia não é positiva e o número de casos não pára de aumentar. A eutanásia foi aplicada inicialmente para situações restritas, mas a verdade é que se têm alargado cada vez mais os critérios que justificam estes pedidos. Existem enormes riscos de se replicar no nosso país este fenómeno de *rampa deslizante* (*slippery slope*).

Através da eutanásia, a vida dos doentes perde valor com uma grande facilidade, a morte é banalizada, criando-se um verdadeiro *genocídio dos mais fracos*. Uma sociedade será tanto mais avançada e progressista quanto mais cuidar e proteger os seus elementos mais vulneráveis. A AMCP espera que a legalização da eutanásia seja rejeitada no próximo dia 20 de fevereiro na AR. É urgente humanizar o fim de vida. Todos nós devemos exigir que o Estado não se demita de oferecer aos doentes com doenças ameaçadoras para a vida e às suas famílias os cuidados paliativos de que necessitam. Só deste modo se constrói uma sociedade solidária e compassiva, dignificando a vida humana independentemente das suas circunstâncias.

COMUNICADO DA AMCP



COMISSÃO DIOCESANA DE ARTE SACRA DIOCESE DE BEJA

Património e Arte Sacra

22.02.2020 | 9.30-12.30h

Beja

Igreja de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz

PROGRAMA

Formação
Dra. Deolinda Tavares (DRCA) e Dr. Artur Goulart (Arte Sacra – Arquidiocese de Évora)

Visita à Igreja
Atelier Arterestauração

Com o apoio de:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
DIOCESE DE BEJA